

“NOSSA HISTÓRIA DE VIDA É CONSTRUÍDA A PARTIR DO NOSSO CORPO”: A PRODUÇÃO DO CORPO VIADO NA DOCÊNCIA¹

“NUESTRA HISTORIA DE VIDA SE CONSTRUYE DE NUESTRO CUERPO”: LA PRODUCCIÓN DEL CUERPO MARICA EM LA ENSEÑANZA

“OUR LIFE STORY IS BUILT FROM OUR BODY”: THE PRODUCTION OF THE BODY FAG IN TEACHER

Pedro Paulo Souza RIOS²
Alfrancio Ferreira DIAS³

RESUMO: O artigo tem como objetivo analisar como são construídos os discursos de corpos viados em docentes gays que vivem no interior da Bahia. O estudo está ancorado na abordagem (auto)biográfica, que concebe a narrativa enquanto instrumento de produção de dados, uma vez que evidencia elementos da subjetividade do sujeito, sua trajetória de formação e experiências de vida. Com as narrativas selecionadas, analisa-se como o corpo viado é construído tendo como parâmetros os mecanismos instituídos pelas normas vigentes, pautadas na heteronormatividade. Assim, é possível inferir que corpos estranhos se constituem enquanto discurso e transgridem a norma. Demarcam fronteiras e se autodeclaram alforriados dos grillhões heteronormativos a que eram subjugados e, então, se impõem ao problematizarem questões considerados como não passíveis de discussão, propondo novas possibilidades de viver o gênero e as sexualidades a partir das diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: (Auto)biografia. Corpo viado. Gênero. Docência.

RESUMEN: *El artículo tiene como objetivo analizar cómo se construyen los discursos de cuerpos viables en maestros homosexuales que viven en el interior de Bahía. El estudio está anclado en el enfoque (auto) biográfico, que concibe la narrativa como un instrumento de producción de datos, ya que destaca elementos de la subjetividad del sujeto, su trayectoria de formación y experiencias de vida. Con las narraciones seleccionadas, se analiza cómo se construye el cuerpo de maricón, tomando como parámetros los mecanismos establecidos por las reglas actuales, basadas en la heteronormatividad. Por lo tanto, es posible inferir que los cuerpos extraños se constituyen como discurso y violan la norma. Demarcan los límites y se declaran liberados de los grilletes heteronormativos a los que fueron sometidos y, luego, se imponen problematizando cuestiones consideradas como no sujetas a discusión, proponiendo nuevas posibilidades de experimentar género y sexualidades basadas en diferencias.*

PALABRAS CLAVE: (Auto) biografía. Cuerpo marica. Género. Enseñanza

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq através da Chamada Universal 01/2016.

² Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Senhor do Bonfim – BA – Brasil. Professor vinculado ao Colegiado de Pedagogia. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7981-9091>. E-mail: peudesouza@yahoo.com.br

³ Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão – SE – Brasil. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5562-0085>. E-mail: diasalfrancio@gmail.com

ABSTRACT: *The article aims to analyze how fag's body speeches are constructed in gay teachers living in the interior of bahia. The study is anchored in the (auto) biographical approach, that conceives the narrative as an instrument of data production, since it subjectivity evidence elements of the subject, their training trajectory and life experiences. With the selected narratives, analyzes how the fag body is built, having as parameters the mechanisms established by the current rules, based on heteronormativity. So, it is possible to infer the foreign bodies are constituted as discourse and violate the norm. They demarcate borders and declare themselves freed from the heteronormative shackles which they were subjected and, then, impose themselves when problematizing issues considered as not subject to discussion, propose new possibilities to live gender and sexualities based on differences.*

KEYWORDS: (Auto)biographical. Fag body. Gender. Teaching.

Considerações sobre a construção dos corpos

Na contemporaneidade, o corpo tem se caracterizado enquanto espaço simbólico e concreto de elaboração e vivência da subjetividade condizentes a esse período. É pertinente ressaltar que, ao longo do processo histórico da humanidade, o corpo vai assumindo distintas perspectivas, diferentes modos de ser e agir (LE BRETON, 2003). Ao consideramos tal fato, pensar acerca do corpo pressupõe necessariamente pensá-lo a partir de contextos históricos, sociais, culturais e políticos específicos, uma vez que as questões inerentes ao corpo estão suscetíveis a tais contingências.

Entendemos que a história do corpo humano é a história da própria civilização, uma vez que cada grupo social, cada cultura concebe e age sobre o corpo, prescrevendo individualidades, evidenciando determinadas particularidades em detrimento de outras, concatenando os seus próprios arquétipos. A maneira como os corpos, as sexualidades e o gênero estão sendo pensados refere-se necessariamente à forma de cada pessoa ser e estar no mundo.

O corpo construído a partir da heterossexualidade tem sido difundido como a única referência de vivência de gênero e sexualidade, a norma a ser seguida. Para Butler (2013), os corpos não se conformam completamente às normas regulatórias, e essa regulação acontece para que seja difundida a ordem sexual pautada na heteronormatividade. Compreendemos, portanto, que o dispositivo contemporâneo da sexualidade é concebido a partir da ideia de produzir seres que adequem suas vidas dentro de um modelo naturalizado de heterossexualidade.

Partindo do pressuposto de que os corpos são construídos por uma sociedade heterossexual, compreendemos que corpo viado é um construto dessa mesma sociedade, e que

só depois de termos passado por um agressivo movimento de construção subjetiva é que passamos a entender as normas que regulam toda e qualquer barganha que envolvam homossexuais, inclusive da sua construção identitária.

De acordo com Foucault (1999, p. 59), o sujeito é produzido por meio das relações de poder como um efeito do discurso. O sujeito não tem autonomia sobre seu discurso, uma vez que este se materializa pelas posições de sujeito que definem os discursos “pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos.” Assim, é possível dizer que é por meio de práticas discursivas engendradas por meio de práticas sociais que os sujeitos se constituem, assumindo posições discursivas perpassadas por marcas históricas e sociais, sem vislumbrar outras formas de entender uma determinada realidade distinta daquela a que foi subjugado.

Imbuídos dessa compreensão, o presente estudo tem por objetivo analisar de que maneira foram/são construídos os corpos de cinco professores viados. A investigação se configura enquanto pesquisa qualitativa e tem como método as pesquisas que consideram o método (auto)biográfico como teórico-metodológico e utiliza como fonte de pesquisa as narrativas dos sujeitos da investigação, enfatizando as trajetórias de formação de professores gays.

A narrativa (auto)biográfica enquanto método de pesquisa

O presente estudo é de cunho (auto)biográfico e foi desenvolvido com cinco professores gays que atuam em escolas públicas em distintas cidades do Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru, estado da Bahia. Quanto à escolha dos professores é importante ressaltar que optamos por diferentes experiências, no que diz respeito ao campo de atuação profissional, perpassando desde a Educação Básica até o Ensino Superior.

De acordo com Souza (2006, p. 29), a pesquisa a partir do método (auto)biográfico pode ser considerada como procedimento investigativo, tanto quanto como processo teórico. Ressalta ele: “classificada como método, como técnica e ora como método e técnica, a abordagem biográfica, também denominada de história de vida, apresenta diferentes variações face ao contexto e campo de utilização [...]”. Isso ocorre porque, segundo o autor, tal abordagem é método, porque logrou no seu processo histórico vasta fundamentação teórica, e é técnica, porque suscitou conflitos, consensos e implicações teórico-metodológicas sobre a sua utilização.

Utilizamos entrevista narrativa para a produção dos dados da pesquisa, por entender que a mesma favorece àquele/a que narra maiores possibilidades de expressão, desvelando por meio dos gestos, da voz, dos espaços de tempo atribuído entre as palavras, fazendo emergir momentos, lugares, pessoas, acontecimentos, adormecidos na memória. Rompendo o esquema de perguntas e respostas a entrevista narrativa é considerada mais profunda, pois se constitui em uma maneira específica de produção de dados, por meio da reconstrução dos acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos sujeitos de uma investigação (SCHÜTZE, 2011).

Compreendemos, portanto, que as narrativas discorrem acerca de experiências que apresentam como substrato a dimensão do/a narrador/a enquanto protagonista de um fato histórico social localizado, pois suscitam a reflexão, o espanto e nunca se dissipam. De acordo com Benjamin (1994, p. 221), as narrativas configuram-se pelo relato de uma existência que, ao ser narrada para o/a outro/a, evidencia em si uma essência única, visto que “seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira” (BENJAMIN, 1994, p. 221).

Nesse tipo de instrumento a veracidade daquilo que está sendo narrado não se constitui na preocupação primordial, uma vez que os possíveis equívocos e lapsos são elementos menos graves em suas consequências do que as omissões da história oficial (BOSI, 1994). Assim, nosso interesse está naquilo que foi acionado pela memória dos professores acerca da construção de seus corpos enquanto gays, quando nos concederam as entrevistas.

Nessa mesma perspectiva, Souza (2008, p. 91) ressalta que a entrevista narrativa delimita um espaço onde o/a narrador/a, ao selecionar singularidades e fatos que marcaram sua existência, “[...] organiza suas ideias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma auto-reflexiva como suporte para compreensão de sua itinerância vivida, caracterizando-se como excelente perspectiva de formação”.

Compreendemos, portanto, que essa etapa consiste em permitir que os/as entrevistados/as contem suas histórias. Cabe ao/a pesquisador/a uma atitude de acolhimento, se mostrando atento/a e interessado/a por cada acontecimento narrado, sem que sejam necessárias emissões verbais. Rios e Dias (2019, p. 543) salientam que: “Narrar é a própria vida que vai sendo desvelada e re-tecida no tear cotidiano, é a experiência vivenciada sofrendo metamorfoses”. Por ser o desvelar da própria vida, a narrativa requer do/a pesquisador/a um acolhimento maior da história que está sendo rememorada.

A seleção dos professores se deu a partir das reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero e Sexualidades do Sertão – GENESES-Sertão, do Campus VII, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Optamos pelo anonimato dos colaboradores, por

se tratar de pessoas públicas em suas respectivas cidades; para tanto preferimos utilizar codinomes relacionados à mitologia africana, por entendermos que, historicamente, seus corpos também são construídos a partir de contextos sociais e culturais específicos. A escolha dos codinomes ocorreu durante a gravação das entrevistas. Assim, a presente narrativa foi construída por meio das tessituras de Logun Edé, Obá, Oxumaré, Iansã e Ossayn.

As entrevistas ocorrem individualmente, entre agosto de 2019 e janeiro de 2020, após os contatos com cada um dos entrevistados com definição de local e horário, sempre respeitando a disponibilidade de tempo dos mesmos. Num primeiro momento, antes da gravação, era feito um bate papo onde esclarecíamos qual era o objetivo do estudo, com o intuito de deixá-los o mais à vontade possível, além de sanar possíveis dúvidas, deixando-os inteirados dos assuntos a serem discorridos durante a entrevista. Em seguida, era feita a leitura do Termo de Livre Esclarecimento (TLE) e recolhida a assinatura. Posteriormente, era elucidada a dinâmica da entrevista narrativa e só então dávamos início à gravação da entrevista.

A seguir faremos uma breve apresentação dos professores. Contudo, vale ressaltar que nossa intenção não é problematizar aquilo que foi dito ao se autodescreverem, nosso escopo é fazer com que o/a leitor/a os conheçam, antes dos entrecruzamentos que faremos de suas trajetórias de vida e formação, no percurso analítico desse estudo. Apresentá-los pelo prisma dos modos como se autorreconhecem, enquanto professores gays, uma vez que a (auto)biografia exprime o “escrito da própria vida” (JOSSO, 2010, p. 343), nos ajuda a entender quem são, ao tempo em que nos possibilita maior compreensão de suas trajetórias de vida.

Logun Edé é licenciado em Pedagogia e mestrando em Extensão Rural, pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Professor há mais de dez anos, atuando principalmente no Ensino Fundamental II. Em sua narrativa ele ressaltou que desde muito pequeno as pessoas insinuavam que ele era gay, ainda que ele não soubesse o que era ser gay. Salienta ele: “[...] não lembro ter sido outra coisa senão gay. No que se refere à sexualidade, sempre me reconheci gay”.

Ossayn é mestre em Botânica, licenciado em Ciências Biológicas e professor de Biologia da rede pública estadual da Bahia. Quando solicitamos que se apresentasse, ele ressaltou: “[...] não tenho como não me apresentar dizendo que sou gay, realizado e feliz. [...] Então eu diria que é isso: um cara feliz, bom profissional e gay”.

Oxumaré é licenciado em Ciências com Habilitação em Matemática e atua como professor no curso de licenciatura em Matemática, no Campus VII da Universidade do Estado

da Bahia. Em sua narrativa ele disse que: “[...] sempre soube que era gay, mas o meu medo era ser chamado de viado, então andava todo durinho”.

Iansã é licenciado em Pedagogia e atua como professor mesmo antes da graduação. Antes de assumir a sala de aula, atuava como promotor cultural. Iansã nos contou: “lembro que quando ainda era pequeno já queria me vestir como as meninas, ou seja, sempre fui afeminado”.

Obá é licenciado Pedagogia, tem especialização em Psicanálise e está na docência há mais de dez anos. Atualmente, trabalha com Educação Infantil. Obá é ator e frequenta religião de matriz africana. Ele nos contou que antes de assumir que era gay foi casado com mulheres: “[...] mas chegou um momento em que não suportava mais, então assumi que era gay e fui ser feliz”.

Conhecer, ainda que superficialmente, quem são os nossos narradores é de fundamental importância para compreendermos fatos e momentos narrador a partir das suas vivências.

“Como nosso corpo deve ser e se comportar”: sobre a construção do corpo viado

Se reconhecer no próprio corpo é, sem dúvida, o primeiro grande desafio de meninos que se percebem gays ainda na infância. A normatização do corpo, os trejeitos, um jeito sensível de ser, a postura corpórea a ser seguida, o tom de voz, as roupas, dentre tantos outros artefatos, se constituem enquanto objetos passíveis de serem administrados.

A contemporaneidade é marcada por procedimentos de normalização que se assemelham às formas de domínio ou controle, tal posicionamento acaba por negar àqueles/as que se constituem a partir do princípio da diferença, de expressar suas formas de inserção nas normas e expectativas coletivas que marcam a época e a sociedade em que vivem. Assim, uma sociedade heteronormativa seria aquela em que os comportamentos rotineiros, como os trejeitos e formas de se expressar, sejam, de certa forma, padronizados e voltados para comportamentos heterossexuais (RIOS; DIAS; BRAZÃO, 2019b).

Nesse contexto, é possível evidenciar que a heteronormatividade acaba por ditar como os corpos devem se portar, quais desejos são permitidos e, portanto, podem ser manifestados em público, dando origem a uma estrutura hierárquica e de poder entre os sujeitos. Em sua narrativa, o Professor Ossayn (2018) nos contou que:

De maneira geral vão dizendo como nosso corpo deve ser e se comportar. Dizem como devemos nos vestir, nos comportar, andar. E o interessante é

que o modelo para todas essas regras é sempre o modelo que se “criou” do que é ser homem.

A imposição da heterossexualidade compulsória produz a concepção de que todo comportamento desviante do padrão heterossexual dá origem à problematização sobre o próprio modelo heterossexual, devendo, por isso, ser tolhido, uma vez que coloca em situação de perigo a simetria dos papéis social e culturalmente estabelecidos em função de gênero, o que pressupõe dizer que, por esse prisma, toda sociedade estaria em perigo. De acordo com Butler (2002), a repetição de maneira histórica e ritualizada dos discursos e das normas acaba por constituir sujeitos que serão resultados dessas reincidências.

Mas sempre há aqueles/as que fogem à regra, que transgridem as normas, que não se enquadram em modelos naturalizados socialmente, ainda que para isso sejam acionadas políticas de regulação contra suas manifestações da sexualidade, do gênero e dos seus corpos, conforme nos relata o Professor Ossayn (2018):

Meu corpo é minha história perpassada pela minha sexualidade. Então se eu fui uma criança viada, se tive e tenho um corpo afeminado, com trejeitos e, portanto, estranho, essa é minha história e com isso quero dizer que por ser aproximado do corpo feminino e, conseqüentemente, distanciado do corpo masculino minha história vai ser marcada por construções permanentes, no sentido de me encontrar no mundo enquanto criança viada, homem gay e professor afeminado. Meu ser profissional, social, afetivo e “político” também, por que não? se constitui através do meu corpo, já que a minha história de vida é escrita nele. Meus sonhos, desejos, aspirações de ser alguém melhor se concretizam nele. É por meio dele que eu existo, ainda que ele incomode, cause constrangimentos, que fuja da norma estabelecida para o que se espera dele.

A partir da narrativa do Professor Ossayn (2018), é possível inferir que falar do corpo é falar de cada pessoa e de suas vivências estabelecidas com a cultura ao longo da história, já que como ele diz: “minha história de vida é escrita nele [no corpo]”. Dessa forma, “ainda que ele [o corpo] incomode, cause constrangimentos, que fuja da norma estabelecida para o que se espera dele”, o corpo, em suas múltiplas possibilidades de ser e existir, nos permite pensar sobre valores e normas sociais vigentes e identificar suas peculiaridades. Assim, ao transitar por tempos e lugares distintos, este passa a revelar não apenas aquilo que é perceptível do ponto de vista biológico, mas sobretudo aquilo que é simbólico.

De acordo com Rios, Dias e Brazão (2019a), os corpos que não se enquadram nos padrões de gênero e sexualidade estabelecidos sofrem retaliações a todo momento e em todos os espaços, desde a mais tenra idade, o que pressupõe dizer que para meninos e meninas que

ainda na infância percebem que seus corpos são tomados como estranhos acabem tendo que fazer um enfrentamento às normas de gênero diariamente.

É preciso ler o corpo gay como um livro aberto, em construção e, por sê-lo, se constitui em sua incompletude, nunca concluído, sempre em consideração. Dessa maneira, o corpo “viado” do Professor Ossayn (2018) lhe possibilita passar por “construções permanentes”, levando-o a pensar acerca do seu universo simbólico situado para além dos aspectos materiais e ressignificá-lo, uma vez que os “sonhos, desejos, aspirações de ser alguém melhor se concretizam” por meio do corpo e no corpo, por ser este o *lócus* de produção e expressão da cultura. É nele que a sexualidade ganha sentido, é sobre ele que as práticas dos currículos incidem, enquanto dispositivos pelos quais a escola executa a formação de seus sujeitos.

“Não nos permitem entrar em todos os lugares”: por mais corpos viados na escola

É perceptível que, historicamente, existem práticas pedagógicas que buscam mobilizar o currículo no sentido de impedir manifestações transgressoras, ao passo em que também é possível vislumbrar modos subversivos de currículo que denunciam práticas heteronormativas, por meio de seus corpos, ao realizar um movimento performativo que os constrói como desviantes e, portanto, transgressores. O gay afeminado é a personificação dessas transgressões dentro da escola, uma vez que ele é um homem que tem uma performance de gênero afeminada, rompendo a concepção padrão de heteronormatividade, que pressupõe o binarismo de gênero.

O Professor Ossayn (2018) se apresenta a partir dessa inconstância, não se adequando ao binarismo de gênero, vislumbrando uma possibilidade de realizar-se enquanto pessoa por meio do seu corpo “viado”, “afeminado”, ainda que esse corpo “[...] cause constrangimentos, que fuja da norma estabelecida”. O Professor Ossayn (2018) conclui dizendo: “meus sonhos, desejos, aspirações de ser alguém melhor se concretizam [no corpo]. É por meio dele que eu existo”. Ou seja, ele abre em potência na limitação dada pela cultura e pela sociedade, nos padrões sociais impostos.

Nesse sentido, corroboramos com Butler (2002), quando afirma que nem todos os corpos se conformam completamente às normas regulatórias, já que essa regulação se dá para que seja perpetuada a ordem sexual fundamentada meramente na perspectiva da heteronormatividade, tomada como natural. Uma vez que tal perspectiva obedece e defende a

lógica de regulação e de controle, a mesma se estende até mesmo à quelxs que não são heterossexuais. Nessa perspectiva, o Professor Logun Edé (2018) relata que,

Estão sempre querendo impor regras a serem seguidas, mas o problema é que essas regras só contemplam um lado da história, ou seja, os heterossexuais. Aqueles considerados diferentes, como os viados, sapatonas, travestis e trans, nunca são levados em consideração. Então utilizo a arte como espaço de reivindicação. As pessoas olhavam e viam apenas a arte, o ator, a performance, nunca ou quase nunca o menino gay que tem desejos, inclusive sexuais, era notado. Era como se a arte me deixasse assexuado e as pessoas viam o artista, não o gay, sabe como é? Era um corpo não muito erotizado. Era um corpo mais brincante, mas entendo que o brincar perpassava pelo vícios da erotização, já que é um processo natural dos corpos, uma vez que tem o aspecto hormonal, porém não estava tão preocupado com isso. Minha preocupação perpassava o fato de me entender enquanto ser estranho no mundo, que quer garantir seu espaço.

Ao dizer “que essas regras só contemplam um lado da história”, a narrativa do Professor Logun Edé (2018) elucida a viabilidade da subversão e do rompimento com a perspectiva de gênero fundamentada por meio de uma regulação normativa que impõe como único modelo a heteronormatividade compulsória, cabendo aqueles/as considerados/as “diferentes, como os viados, sapatonas, travestis e trans” se rebelarem, inventando modos e possibilidades de ser e existir fora do modelo heteronormativo. Butler (2015) propõe uma forma de agenciamento, isto é, mudança das estruturas sociais no que se refere à heteronormatividade.

Os estudos *queer* se apresentam como o maior exemplo de subversão ao modelo heteronormativo compulsório. Os estudos *queer* desde sua origem têm se configurado em um espaço epistemológico de resistência, de possibilidade de ressignificação social e política (BUTLER, 2015). As crianças viadas, gays afeminados, Zé Gatinhas, transgêneros e travestis também se reverberam em potencial subversivo, quando rompem com a norma do sistema binário sexo-gênero. Eles/as usufruem o imperativo da estética feminina ou masculina para a subversão.

A partir das narrativas dos professores Logun Edé (2018), Iansã (2019) e Obá (2018), é possível inferir que a performatividade, por meio da arte, se apresenta como “espaço de reivindicação” e de constituição da subjetividade de gênero e da sexualidade, além de se estabelecer enquanto itinerários que lhes possibilitam driblar o sistema heteronormativo. O excerto abaixo elucida o que estamos dizendo:

Atualmente na cidade [Senhor do Bonfim] tem um concurso de quadrilhas junina muito forte. E aí eu decidi participar desse concurso. Foi nesse momento da quadrilha junina que eu me montei pela primeira vez. Assim

como tem no carnaval que os homens se montam de mulher e se libertam, então encontrei na quadrilha junina a oportunidade para eu também me libertar e também viver o meu desejo de me montar de menina. Só que aí tinha a questão do parceiro, mas não foi muito difícil. Então estava tudo certo que eu sair de mulher, só que nem a direção da escola, nem os professores sabiam e nesse período fiquei uns três dias sem ir para escola, por motivos de saúde e, quando eu cheguei já estava a polêmica porque os colegas do menino que seria meu parceiro estavam fazendo *bullying* com ele, porque ele não era gay [...] e estavam fazendo *bullying* com ele porque ele ia dançar comigo travestido de mulher, então ficou aquele burburinho na escola e essa história chegou até a direção. Quando retornei, a primeira coisa foi ir para a sala da direção. Então ela falou que não ia permitir que eu dançasse de menina porque a escola seguia regras e que eu precisava entender, vale ressaltar que estamos falando de uma escola pública estadual. Foi então que eu disse para ela: ‘como sou o coreógrafo da quadrilha se eu não dançasse de menina a quadrilha então não iria se apresentar porque eu não iria mais montar as coreografias ou então ela arrumasse outra pessoa’. Houve uma mobilização grande, por parte das meninas em me apoiar, dizendo que não viam problema nenhum, até mesmo tudo queria dançar, alguns poucos disseram que não iria ficar legal, mas a maioria aceitou e eu acabei dançado montada de mulher. Então a diretora disse que tudo bem, mas que eu não chamasse tanto a atenção, como se isso fosse possível. Se fosse para não chamar a atenção eu nem me montava [...] (PROFESSOR IANSÃ, 2019).

A diferença pensada e mantida apenas pelo viés heteronormativo binário tem sido respaldada por práticas pedagógicas que insistem em invisibilizar, inutilmente, os corpos de gays, lésbicas, pessoas transexuais e travestis nos espaços escolares, regido por “regras” que precisam ser cumpridas, conforme sinalizou a professora na narrativa acima. De acordo com Butler (2002), o processo de atribuições ou interpelações que sustentam o campo do discurso e do poder na escola é salvaguardado através daquilo que é classificado como normal e desviante, como é o caso do professor Iansã, que se “montou” de menina para dançar quadrilha.

Contudo, não podemos negligenciar o fato de esses corpos abjetos estarem inseridos nas instituições que produzem os discursos normativos, a saber, a escola, onde eles se colocam enquanto potencialidades de desobediência de corpos que não se enquadram aos regimes heteronormativos de gênero e sexualidade. De acordo com Foucault (2000), a verdade sobre o corpo é pautada em uma sucessão de declarações produzidas por um seletivo grupo de detentores de saber, tomadas em nossas práticas cotidianas como verdades sobre o que é normal e natural.

Pensar a performance corporal enquanto modo possível de resistência e de pensar outras maneiras de se constituir enquanto sujeito se apresenta enquanto luta diária daqueles/as socialmente apontados/as como estranhos/as. Assim, performar o corpo, mas não poder vivê-

lo, corresponde às múltiplas mutilações impostas àqueles/as considerados/as estranhos/as desde cedo. Nesse sentido, a performatividade ressalta a constituição do gênero enquanto “atos, gestos, representações ordinariamente constituídas” (BUTLER, 2002, p. 185), o que pressupõe pensar o gênero e a sexualidade por meio da performatividade, considerando que os corpos são investidos de significados, a partir da cultura na qual estão submersos e de onde emergem os discursos que, concomitantemente, evidenciam os corpos, também os habitam e se acomodam neles (BUTLER, 2002).

De acordo com o excerto narrativo mencionado acima, o epílogo determinado pela diretora foi que o Professor Iansã (2019) poderia se apresentar travestido, mas que “não chamasse tanto a atenção”. Tal recomendação da diretora pode ser entendida como uma atitude preconceituosa. Conforme mencionamos anteriormente, tal performance se apresenta enquanto ato subversivo em relação às normas de gênero, tanto é que o Professor Iansã conclui: “se fosse para não chamar a atenção eu nem me montava”. Chamar a atenção pressupõe dizer que essa é uma das possibilidades de desconstrução do preconceito, ou seja, ações que contribuam efetivamente para quebrar paradigmas e romper muros construídos diariamente, por meio de práticas pedagógicas normativas e sexistas, que acabam por não reconhecer o corpo, também, enquanto lugar da emoção da subjetividade e de empoderamento (CRUZ, 2014).

Partindo da compreensão de que o ato performativo sugere que narrar algo pressupõe fazê-lo, nos faz ponderar que sendo a linguagem uma elaboração da performance, e não algo anterior a ela, de tal maneira que mesmo agindo em contextos sociais, culturais e simbólicos específicos, esses contextos podem ser ressignificados. Nesse sentido, o Professor Obá (2018) ressaltou: “[...] meus trejeitos, de certa forma, podem ser considerados enquanto um jeito de ser, ainda que seja contrário, ao que ‘determinam’ como certo”. Esse fragmento nos faz pensar que a performatividade presente nos trejeitos não passa despercebida, o que nos leva a conjecturar que, de alguma maneira, acabam por ressignificar, a partir dos espaços onde eles se encontram, os modos de ver e pensar o corpo e sexualidade e o gênero.

O teatro me fascinava. Pensar cada personagem, criar as histórias, viver histórias diferentes, tudo isso me encantava muito e, além de tudo isso, eu penso que o fato de ser gay e fazer parte de um grupo de teatro de alguma forma camuflava minha orientação sexual. Meio que as pessoas ficavam na dúvida. Tipo: “ele rebola porque é artista ou é artista porque rebola?”, e com isso eu podia meio que montar um personagem, como se fosse uma performance permanente, só que no fundo a performance era sobre como ser eu mesmo e não ser apontado o tempo todo. Sabe aquela coisa que por mais que você tente esconder teu corpo te denuncia. Eu precisava estar me vigiando o tempo todo para não ter comportamentos considerados como

sendo de meninas. E paralelo a todas essas atividades artísticas, digamos assim, ainda tinha a escola. As professoras até permitiam que a gente fizesse teatro, mas tudo era “cuidadosamente vigiado”. Nada podia fugir do controle. Lembro de uma vez que um menino ia fazer um personagem feminino, não era nem feminino, era algo meio caricato, tipo um gay mais afetado, mas quando a diretora soube proibiu na hora (PROFESSOR OBÁ, 2018).

Ainda que a performance tenha sido apresentada com um cunho teatral contundente, não podemos negligenciar o fato de que durante a performance teatral o sujeito está envolvido/a meramente com a repetição de ações, previamente ensaiadas, ou não, como se executasse um roteiro preestabelecido e do qual não se pode fugir. Contudo, no caso acima é perceptível a junção entre performances teatrais e vida concreta. Diante da indagação: “ele rebola porque é artista ou, é artista porque rebola?”, o Professor Obá (2018) conclui: “com isso [performance teatral] eu podia meio que montar um personagem, como se fosse uma performance permanente, só que no fundo a performance era sobre como ser eu mesmo e não ser apontado o tempo todo”.

Desse modo, o corpo é, pois, objeto privilegiado de análise das interdeterminações entre o pessoal e o social, uma vez que entendido nesta interface entre o indivíduo e a sociedade, está sujeito a regimes de normatividade (DIAS *et al.*, 2017; ALMEIDA; JAEHN; VASCONCELLOS, 2018). Dito de outra maneira, o corpo está constrangido pelas regras que garantem certa normalidade na vida social em curso.

As mudanças que marcam a contemporaneidade trazem a tendência da separação entre o saber e o poder, anteriormente interligados (FOUCAULT, 1998). A meta agora é a autonomia nos mais variados campos e diferentes instâncias. Desta forma, as pessoas deixam de ser conduzidas por padrões a serem seguidos, passando a constituírem seus processos subjetivos. Nessa perspectiva, o Professor Oxumaré (2019) salienta que: “quando falamos do ponto de vista de cada pessoa não é mais possível impor um modo único de ser. Gays não são iguais, assim como as mulheres não são iguais, cada pessoa tem que ser como se sente melhor”.

Contudo, não podemos esquecer que há discursos que procuram disseminar lógicas por meio das quais valores tradicionais da família judaico-cristã são suscitados com o intuito de produzir uma verdade que engendra a necessária e urgente salvação desses valores natural e divinamente estabelecidos. Nesse sentido, conforme pontuou o Professor Logun Edé (2018): “querem nos convencer a todo custo que somos errados. Lembro que diziam coisas do tipo: ‘estou orando para você encontrar uma mulher para casar’, ou ainda: ‘isso é só uma fase, mas você precisa se comportar como hominho’”.

A partir dos discursos relativos às sexualidades, principalmente daqueles/as corpos considerados/as como abjetos, é possível inferir quem é reconhecidos/as socialmente como normal e quem não é. Nessa perspectiva, o corpo ganha sentido socialmente, bem como aquilo que será assegurado como natural e, portanto, permitido. Para o professor Iansã, “o corpo gay afeminado” pode ser tomado como exemplo do não natural e conseqüentemente não permitido.

Nossa sociedade é muito ligada à cultura e à doutrina do corpo. Então, no momento em que me via andrógena, com mais tendência para o masculino, já que desejava ter um corpo malhado, definido, até mesmo por uma questão de defesa, porque quando a gente é gay afeminado, quais são as características da afeminada: aquela que se pinta mais, que é mais chamativa e que tem o corpo franzino e que se aproxima muito do corpo da mulher, você está mais vulnerável a atos de violência, nosso corpo fica mais evidente e vulnerável. O corpo gay afeminado é uma marca desse estranhamento. Ao corpo gay afeminado é imposto um silenciamento velado. Não nos permitem entrar em todos os lugares. Olhares, cochichos, agressões tentam a todo mundo nos expulsar. É como se ele [corpo] não se encaixasse em lugar nenhum. Quando estava com os meninos meu corpo era rejeitado por ser considerado afeminado e, quando estava com as meninas, da mesma forma. É então quando percebemos que nosso corpo é estranho. Então meu corpo é um corpo diferente, afeminado mesmo sendo um corpo biologicamente masculino e ser um corpo masculino e ter comportamentos considerados como sendo de mulheres. E nesse momento você toma consciência que precisa criar estratégias de resistência e, assumir um corpo afeminado é, em minha opinião, uma estratégia de resistência e de sobrevivência. É reinventar-se exatamente a partir daquilo que te condenam o tempo inteiro (PROFESSOR IANSÃ, 2019).

Considerando a narrativa acima, é pertinente ressaltar que o corpo acaba por justificar um espaço de ressignificação ao longo da história da humanidade, além de ser objeto dos dispositivos de poder que o monitoram e o carregam para o caminho da normalização, encontrando resistências nas esferas e áreas do conhecimento durante esse percurso. Nesse contexto, “assumir um corpo afeminado é [...] uma estratégia de resistência e de sobrevivência” (PROFESSOR IANSÃ, 2019), uma vez que em linhas gerais, o corpo é fruto da repressão e do silenciamento, mas não é só isso, ele é também resistência que confere marcas transpassadas pelas múltiplas maneiras de manifestação de corpos gays.

A sociedade que, nos aspectos da sexualidade e de gênero, aceita como normal apenas o modelo heteronormativo, em geral, impele os/as considerados/as estranhos/as a serem tolhidos/as e violentados/as em sua maneira de ser. É importante ressaltar que dentre os/as estranhos/as, alguns grupos se encontram em situação de maior vulnerabilidade, a saber: pessoas transexuais, travestis e gays afeminados. Conforme nos contou o Professor Iansã

(2019), o gay afeminado “[...] que se aproxima muito do corpo da mulher, você está mais vulnerável a atos de violência, nosso corpo fica mais evidente e vulnerável”.

Vivendo o corpo como uma marca em que se inscrevem as várias violências sofridas nos diferentes espaços sociais, uma vez que teve e ainda tem a sua vida marcada pela homofobia, ele narrou: “não nos permitem entrar em todos os lugares. Olhares, cochichos, agressões tentam a todo mundo nos expulsar. É como se ele [corpo] não se encaixasse em lugar nenhum”. Isso porque os homossexuais afeminados são classificados como sujeitos abjetos, o que se evidencia através de “olhares” e “cochichos” havendo, ao mesmo tempo, a tarefa de disciplinar os corpos através do constrangimento, na busca por uma padronização heteronormativa (LOURO, 2008).

Sob esse prisma, pensar o corpo *queer*, classificado pelo Professor Iansã (2019) como “corpo gay afeminado”, tomado como estranho, nos leva a perceber o emergir de outra concepção que em alguma medida abala as estruturas da heterossexualidade enquanto modo único de ser. A esse respeito, a narrativa do Professor Obá (2018) chama a atenção para o fato de como gays afeminados têm suscitado novos olhares a respeito da multiplicidade dos corpos gays.

A gente pensa que não, mas nosso corpo denuncia a gente, estou sendo injusto, ele não denuncia, não há nada há ser denunciado, ele anuncia, diz quem sou de verdade. Não tem como olharem para mim, quando não imediatamente, depois de algum tempo e perceberem que sou gay. Meu corpo inteiro é gay. Não tenho como negar isso, melhor nem quero. Todas as minhas ações sejam elas pessoais ou sociais me revelam. Quando ando, é um gay que anda, quando falo é um gay que fala, gesticula. Quando defendo questões políticas é um corpo gay que está se posicionando política e socialmente e isso fica bem claro para as pessoas. Então quando sou apontado na rua, quando sou xingado, elogiado, criticado ou silenciado, é a um corpo gay que fazem isso. A sensação que tenho é que todos os dias ao acordar a gente já tivesse que se preparar para os muitos dedos que serão apontados para nós. Parece paranoia, mas não é. É como se já soubéssemos que de alguma maneira seremos alvos de alguma agressão. Quando a agressão não é física, ferindo nosso corpo, é uma agressão verbal ferindo nossa alma. Como já disse antes, a escola foi o lugar onde mais tive que aprender a conviver com essas questões por ter os trejeitos mais afeminados. Não quero me fazer de vítima, longe de mim, mas diante de tudo o que a gente passa ao longo da nossa vida: rejeição, discriminação, agressão, é que a gente vai criando mecanismos para sobreviver (PROFESSOR OBÁ, 2018).

A narrativa sinaliza que os sistemas reguladores, dentre eles a escola, não conseguem abarcar a coesão pretendida, uma vez que há corpos que escapam ao método de fabricação dos gêneros e das sexualidades permanentes, tendo por matriz a heterossexualidade. Para Dias e Menezes (2017), isso ocorre exatamente porque a escola também é perpassada por uma

pedagogia *queer*. Ao afirmar: “quando ando, é um gay que anda, quando falo é um gay que fala, gesticula. Quando defendo questões políticas é um corpo gay que está se posicionando política e socialmente, e isso fica bem claro para as pessoas”, o Professor Obá (2018) coloca em evidência todo um sistema de regulação e que, por desafiar as normas de gênero, se constitui em possibilidade de transformação dessas mesmas normas.

Le Breton (2003) ressalta ainda os dispositivos de poder que controlam o corpo, suscitando, portanto, as estratégias de uma política dominante que define os/as estranhos/as e aqueles/as normais e que podem ser absorvidas pelos próprios sujeitos dominados/as, sob o ponto de vista das instituições reguladoras, uma vez que o corpo é algo produzido na e pela cultura.

Não é possível pensar o corpo fora da história e de valores de representações próprios a uma condição social e cultural em dado momento, ainda que o indivíduo faça deles um assunto seu e se aproprie deles ao seu modo. Nenhuma exterioridade tranquilizadora autoriza a formular um julgamento de verdade a esse respeito. Falar de masculino ou de feminino implica, de algum modo, num julgamento de valor, na referência a um contexto social e cultural.

Assim, o cotidiano de tantas pessoas não heterossexuais é debatido constantemente pelo dispositivo da sexualidade em ação, que institui e destitui identidades, dita comportamentos, práticas, representações e, sobretudo, autorrepresentações firmadas no discurso midiático, nas pseudociências, na psicanálise, na repetição incessante de imagens estereotipadas, em modelos de ajuste, padrões de conduta e valores que devem permitir a inclusão social e o pertencimento a um grupo.

A instituição escolar, por meio do currículo e das práticas pedagógicas, trabalha no sentido de institucionalizar a normalidade heterossexista imposta aos corpos (DIAS, 2014; CRUZ, 2014; FINO, 2016; GOMES-DA-SILVA, 2014; RUDD; GOODSON, 2016; ULJENS, 2016). Por meio desses instrumentos, é perceptível o esforço para se estabelecer valores e crenças no ambiente escolar, difundidos pela hegemonia cristã, branca, heterossexual e rica, responsáveis por alçar a figura dos/as estranhos/as e diferentes à posição de desviantes e pecadores, por meio de práticas sutis que controlam a maneira de ser, a sexualidade e o corpo.

As pessoas tomadas como estranhas têm sido, ao longo dos anos, subjulgados/as pelos diferentes tipos de violência por transgredirem a fronteira da heteronormatividade. O desafio consiste em pensar um currículo que contemple práticas pedagógicas que tenham por princípio o respeito às diversidades, uma educação que questione os aspectos heteronormativos presentes na formação de nossas subjetividades sexual e de gênero,

colaborando efetivamente para que os/as estudantes possam vislumbrar todas as possibilidades circunscritas em torno das questões de gênero e sexualidade.

“Ao corpo gay é imposto um silenciamento velado”: considerações

Fazer memória, escrever, pensar, problematizar experiências que demarcam os limites e possibilidades impostos aos corpos tomados como estanhos por não se adequarem às normas de sexualidade e gênero vigentes, a partir das narrativas, nos parece apontar que as práticas discursivas dizem respeito às práticas sociais, produzidas através de relações desigualdade. Traduzidas em regulações, negociações de si e práticas de rupturas. Conforme sinaliza o Professor Ossayn, ainda que o corpo viado cause constrangimento, é por meio desse corpo que escrevemos nossa história e nossa existência no mundo, já que não há como separar o corpo viado do resto da vida, assim, o corpo passa a ser um ato de resistência e de re-existência da própria vida.

Podemos dizer que as histórias de vida dos professores são atravessadas pelo olhar de um sujeito externo, mesmo que as narrativas se refiram a pessoas que viveram em lugares e tempos distintos. Olhares que concebem corpos abjetos, ao tentar encaixá-los fora da norma, embora sempre em relação a ela. Contudo, não podemos nos esquivar do fato de que esses olhares nos constituem, enquanto corpos viados, de maneira violenta, invasiva e agressiva.

Nas narrativas, fica perceptível que essa construção se processa através de relações de poder que estabelecem normas de como se deve viver as sexualidades e o gênero (FOUCAULT, 2008), onde há o/a mais fraco/a, do ponto de vista ideológico, social e cultural. Estas normas são construções históricas e têm por finalidade regular os corpos, classificando-os como normais ou estranhos. Logo, o não enquadramento nestes moldes acaba tendo repercussões opressoras, de silenciamento, de marginalização e de não aceitação. Sobre isso, o Professor Iansã (2019) salienta que: “o corpo gay é uma marca desse estranhamento. Ao corpo gay é imposto um silenciamento velado”. Dessa maneira é possível dizer que a construção do estranho é decorrente de modos operantes que vão adequando os corpos e os discursos de acordo com o modelo heteronormativo, e aqueles/as que não se ajustam a ele serão classificados/as como estranhos/as.

É possível inferir, ainda, que corpos estranhos também se constituem enquanto discurso e transgridem a norma. Demarcam fronteiras e se autodeclaram alforriados dos grilhões heteronormativos a que eram subjugados e, então, se impõem ao problematizarem

questões considerados como não passíveis de discussão, propondo novas possibilidades de viver o gênero e as sexualidades a partir das diferenças.

Compreendemos, portanto, que as narrativas (auto)biográficas, enquanto instrumento de pesquisa, se mostraram produtivas para este estudo, pois na medida em que as trajetórias de vida iam se desvelando, revelando acontecimento cotidianos, aos quais inevitavelmente eram atribuídos novos sentidos e significados, outras histórias eram construídas, sob o prisma meta-reflexivo de cada um. Compreendemos, assim, que as narrativas (auto)biográficas constituem-se enquanto possibilidades epistemológicas eficazes no processo de autoformação.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. M. de; JAEHN, L.; VASCONCELLOS, M. Precisamos falar de gênero: por uma educação democrática. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 13, n. esp. 2, p. 1503-1517, set. 2018.
- ALMEIDA, W. R. A. Uniforme escolar e uniformização dos corpos. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 09-22, 2017.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 213-240.
- BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRITO, C. D. A., NUNES, C. P. The intensification of teaching work in the context of the commercialization of higher education in Brazil. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 1, n. 1, e.11420, 2020.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BUTLER, J. Corpos que ainda importam. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p.12-16, 2015. ISSN: 2177-6342.
- CARDOSO, H. M. Gênero, sexualidade e escola: contribuições da teorização de Foucault. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 01, p. 319-332, 2019.
- CRUZ, M. H. S. A crítica feminista à ciência e contribuição à pesquisa nas ciências humanas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, p. 15-28, 2014.

DIAS, A. F. Como as escolas educam corpos nas práticas pedagógicas? **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n. 14, p. 103-112, abr. 2014.

DIAS, A. F.; CARDOSO, H. DE M.; SANTOS, A. L. DOS; MENEZES, C. A. A.; RIOS, P. P. S. Schooling and subversions of gender. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 22, p. 83-92, maio 2017.

DIAS, A. F.; MENEZES, C. A. A. Que inovação pedagógica a pedagogia queer propõe ao currículo escolar? **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 10, n. 23, p. 37-48, out. 2017.

DIAS, A. F. Trans* escrituras e a pedagogical power. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 1, n. 1, p. e11494, 2020.

FINO, C. N. Inovação pedagógica e ortodoxia curricular. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 13-22, 14 abr. 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FULLAGAR, S. A physical cultural studies perspective on physical (in)activity and health inequalities: the biopolitics of body practices and embodied movement. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 12, n. 28, p. 63-76, 2019.

GOMES-DA-SILVA, P. N. Pedagogia da corporeidade: o decifrar e o subjetivar na educação. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, p. 15-30, 2014.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2010.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papyrus, 2003.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NASCIMENTO, L. F.; CAVALCANTE, M. M. D. abordagem quantitativa na pesquisa em educação: investigações no cotidiano escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 11, n. 25, p. 249-260, 2018.

PINTO, E. J. S.; CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. As relações de gênero nas escolhas de cursos superiores. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 10, n. 22, p. 47-58, 2017.

RIOS, P. P. S.; DIAS, A. F.; BRAZÃO, J. P. G. “As brincadeiras denunciavam que eu era uma criança viada”: o gênero “fabricado” na infância. **Revista Educação em Questão**, v. 57, n. 54, 29 nov. 2019a.

RIOS, P. P. S.; DIAS, A. F.; BRAZÃO, J. P. G. “Lembro-me de querer andar durinho, como se diz que homem deve ser”: a construção do corpo gay na escola. **Revista Exitus**, v. 9, p. 775-804, 2019b.

RIOS, P. P. S.; DIAS, A. F. “Então me classificavam como estranho”: entre narrativas na construção do estranho no corpo de professores gays. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 4, p. 539-557, 2019.

RUDD, T.; GOODSON, I. F. Refraction as a tool for understanding action and educational orthodoxy and transgression. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 99-110, 11 abr. 2016.

SARAT, M.; CAMPOS, M. I. Gênero, sexualidade e infância: (Con)formando meninas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 7, n.12, p. 45-56, 2014.

SANTOS, I. T. R.; BARRETO, D. A. B.; SOARES, C. V. C. O. Formative assessment in the classroom: the dialogue between teachers and students. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 1, n. 1, p. e11483, 2020.

SCHÜTZE, F. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, W.; PFAFF, N. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 210-222.

SILVA, T. O.; RIOS, P. P. S. Gender, sexual diversity and field education: “in rural communities many people do not understand and treat it as a disease. **Journal of Research and Knowledge Spreading**, v. 1, n.1, p. e11418, 2020.

SOUZA, E. C. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

ULJENS, M. Non-affirmative curriculum theory in a cosmopolitan era? **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 9, n. 18, p. 121-132, abr. 2016.

Como referenciar este artigo

RIOS, Pedro Paulo Souza; DIAS, Alfrancio Ferreira. “Nossa história de vida é construída a partir do nosso corpo”: a produção do corpo viado na docência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 3, p. 1265-1283, jul./set., 2020. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15i3.13574>

Submetido em: 10/11/2019

Revisões requeridas em: 15/12/2019

Aprovado em: 28/12/2019

Publicado em: 20/02/2020